

ORAÇÃO: ITINERÁRIO MISTAGÓGICO SEGUNDO SANTA TERESA DE ÁVILA

Paulo Sérgio Carrara

1 Introdução

Teresa se tornou conhecida por sua rica experiência de Deus. Quando lemos seus escritos, nos invade a convicção de que Deus se tornou, pouco a pouco, protagonista da sua existência. Ocupa o centro da cena e se converte na chave interpretativa da sua rica experiência espiritual (HERRÁIZ, 2000, p.19). Teresa atesta que só no relacionamento pessoal e amoroso com Cristo o ser humano atinge a plenitude de sua vocação cristã. A oração desponta como o duro exercício que promove o encontro entre Deus e o ser humano. Teresa narra sua experiência a partir de uma rica metáfora na qual ela apresenta os graus de oração como caminho mistagógico que imerge o orante cada vez mais no mistério de Deus. Sua narrativa aponta os passos fundamentais de um caminho consistente rumo a Deus e oferece critérios de discernimento que permitem identificar a oração autêntica, aquela que transforma a vida e compromete o cristão com a construção do Reino.

2 Desejo de Deus e oração

A oração se caracteriza como o fenômeno central de toda religião. A situação de indigência e de finitude na qual se encontra o ser humano faz nascer nele o desejo de completude. Ele descobre a oração como caminho para se religar a Deus. Não há religião sem oração (ESTRADA, 1998, p.21-22). O conhecimento do mistério de

Deus, que não cabe em nenhum conceito, supõe, em algum momento, a oração, pois Deus é mistério indizível. O encontro com ele se dá num caminho necessariamente mistagógico, que supera as teorias que tentam objetivá-lo. Deus se revelou em Cristo, mas não se desvelou. Seu mistério só se torna acessível mediante a experiência.

A sociedade pós-moderna projeta o homem para fora, para o exterior. Vivemos num tempo de evasão. A sociedade do espetáculo causa dispersão e distância do que se passa no interior do ser humano. O silêncio suscita medo e desespero. Existe um *horror vacui*, um medo do vazio que pode destruir-nos. Vivemos uma verdadeira orgia do barulho (CANTALAMESSA, 1992, p.307). O abandono da interioridade e a projeção para o exterior são características da pós-modernidade. Dissipação é o nome da doença mortal que ameaça a todos. Daí a necessidade da redescoberta do espaço interior, espaço de silêncio, onde Deus habita em nós. Muitos estão alienados deste espaço, porque se encontram submersos nas preocupações e nos problemas, nas agitações do dia a dia. O caminho rumo a este espaço interior do silêncio passa necessariamente pela oração (GRUN, 2002, p.71-72) e se revela um passo importante na experiência de fé, que, numa sociedade multirreferencial, exige mais adesão personalizada.

A doutrina teresiana da busca de Deus através da oração responde ao desejo de substância, de transcendente que encontramos hoje fora e dentro do cristianismo. Teresa propõe um caminho mistagógico de descoberta de Deus através da oração. Para ela, a palavra de Deus sobre o homem não diz respeito antes de tudo ao pecado e à culpa, mas à beleza da pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus (BERNARD, 1996, p.383). Criatura de Deus, só n'Ele o ser humano encontra sua verdadeira alegria e felicidade. O itinerário mistagógico para Deus através da oração constitui, para Teresa, a restauração da beleza da pessoa humana, porque o amor de Deus quer nos transformar desde dentro, tornando-nos luminosos e fecundos para todos os homens (BERNARD, 1996, p.383). É o convite que ela hoje faz àqueles que se aproximam de sua doutrina.

3 Oração como caminho de experiência

No horizonte da espiritualidade cristã, Teresa desponta como mestra da oração, o que explica a atualidade de sua proposta e de sua mensagem. Ela mesma ora e se mostra capaz de propor uma doutrina que inclua desde as formas mais simples de oração até as mais elevadas. Teresa se tornou pensadora e teóloga do fenômeno religioso da oração. Sua proposta é muito original (ÁLVARES, 1984, p.488). Narrando sua experiência cristã de Deus através da oração, torna-se profetiza da mesma na Igreja (MORETTI, 1996, p.77). Nossa mística propõe uma oração pessoal, silenciosa, contemplativa; uma oração que sintetiza a resposta total do ser humano a Deus.

Teresa relata que aprendeu o caminho da oração ainda pequena. Nos altos e baixos da sua vida, acabou deixando a oração por algum tempo. Depois consegue retomá-la em meio à luta e à aridez. Na oração, recebe a graça de ter sua vida transformada. Seu testemunho se mostra muito convincente:

A quem ainda não começou, rogo, por amor do Senhor, que não se prive de tanto bem. Não há o que temer, senão que esperar. Suponhamos que não progrida nem se esforce por adquirir a perfeição necessária para merecer as delícias e consolações que o Senhor dá aos perfeitos, pelo menos irá aprendendo o caminho do céu. Se perseverar nesse exercício, espere tudo da misericórdia de Deus, sabendo que ninguém o tomou por amigo sem ser amplamente recompensado. A meu ver, a oração não é outra coisa senão tratar intimamente com aquele que sabemos que nos ama, e estar muitas vezes conversando a sós com ele (SANTA TERESA, 2010, p.59).

Teresa define a oração com uma série de elementos muito consistentes do ponto de vista teológico. *Tratar de amizade*. *Trato* refere-se a toda forma de comunicação interpessoal, com especial insistência na sensibilidade, na proximidade e na familiaridade. Orar é pôr em ato – exercitar o amor a Deus. Orar é amar (VELASCO, 2001, p.135). O epicentro da oração se encontra na construção de uma relação de amizade. A vida cristã se compreende a partir da oração como um relacionar-se. Não se reduz a um momento, se torna

condição permanente do relacionamento com Deus. No centro da oração teresiana se encontra a revelação central do Novo Testamento: Deus é amor (1Jo 4,16). Se é amor, só pode ser amigo. A revelação de Jesus encontra no amor seu aspecto crucial: "Não vos chamo servos, mas amigos" (Jo 14,14-15).

Teresa propõe, ainda, que a oração parta do relacionamento de filiação, que Cristo invoca no início do Pai Nosso. De fato, no batismo o Espírito Santo nos configura a Cristo e nos faz filhos do mesmo Pai de Jesus. Filhos no Filho, fazemos nossa a oração de Jesus ao Pai. A oração cristã tem, portanto, uma dimensão trinitária, claramente afirmada por Teresa: "Por desbaratada que ande a vossa imaginação, forçosamente haveis de achar entre tal Pai e tal Filho o Espírito Santo" (SANTA TERESA, 1979, p.159). É sempre pressuposta a iniciativa de Deus, *por quem nos sabemos amados*. O orante entra num diálogo no qual Deus toma sempre a iniciativa. O próprio Criador supera o abismo que o separa da criatura ao escolher a pessoa humana para ser sua morada (SANTA TERESA, 2010, p.59).

A iniciativa de Deus exige que o ser humano se esforce para entregar-se totalmente. É o seu próprio *ser* que está em jogo nesta relação que iguala. Por mais difícil que seja, o orante busca voltar-se para Deus não só com os lábios ou a mente, mas com todo o seu *ser*. A oração não se reduz a uma série de palavras ou desejos. Deve ser mais que isso. Na oração o ser humano procura voltar-se para Deus no silêncio e na adoração, com corpo, mente e espírito (MERTON, 1999, p.41). A resposta ao amor de Deus que quer nos assemelhar a Ele exige o empenho de tudo aquilo que somos. Não é possível ir a Deus com a metade daquilo que temos. Um encontro como esse exige o empenho da própria vida.

4 Oração: divina mistagogia

Ao ensinar a oração, Teresa o faz de maneira muito dinâmica. Apontasuas etapas, fases, momentos, graus. Há quem esteja iniciando, há quem esteja na metade do caminho. E há quem tenha tocado o cume. A relação com Deus não é estática, cresce, amadurece, torna-

se cada vez mais exigente. Teresa explica a oração com um símbolo bíblico muito rico: a água. A mística constrói uma teologia simbólica, narrativa e afetiva. A água desperta em Teresa reflexões profundas e fala ao seu inconsciente. Esse elemento natural move sua afetividade para as realidades espirituais.

Quantas vezes me recordo da água viva de que o Senhor falou à Samaritana. É o que me faz ser muito afeiçoada a esse evangelho. Já o era desde muito pequena. Certamente não entendia essa graça como agora. Suplicava muitas vezes ao Senhor que me desse daquela água. No aposento onde eu morava, tinha um quadro representando o Senhor junto ao poço, com este letreiro: *Domine da mihi aquam* (SANTA TERESA, 2010, p.247).

A água simboliza um mistério a indagar. A samaritana tem um desejo que busca sua realização. Não é somente uma personagem do passado, mas uma imagem estruturante. Arquétipo que nos habita. O caminho da samaritana que encontra a água da vida se identifica com a transformação do seu desejo (LELOUP, 1996, p.124). De que temos sede, afinal de contas? Que água pode saciar a nossa sede? Não é estranho que Teresa se afeiçoasse ao episódio da Samaritana. Não só temos sede de Deus, o próprio Deus tem sede de nós.

A maravilha da oração se revela exatamente ali, junto aos poços onde vamos buscar a nossa água. É ali que Cristo vem ao encontro de todo ser humano. Ele nos procura por primeiro e nos pede de beber. Jesus tem sede... Que saibamos ou não, a oração é o encontro da sede de Deus com a nossa sede. Deus tem sede que tenhamos sede d'Ele¹.

Em harmonia com o imaginário universal, Teresa coloca a fonte no centro da pessoa. A relação com Deus se passa no íntimo: "Este castelo tem muitas moradas, umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. E no centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e alma" (SANTA TERESA, 1981, p.20). A viagem da oração leva ao caminho rumo ao centro,

1 Essa belíssima definição da oração se encontra num capítulo do Catecismo da Igreja Católica dedicado à oração. Cf. Catecismo da Igreja Católica 2560.

rumo à fonte. Caminho árduo, porque o centro não é lugar de fácil acesso. Mas é o único capaz de levar à nascente onde jorra a água que sacia. Água viva, não água engarrafada, não água de cisterna rachada. Essas, por mais puras, se esgotarão sempre. Só a água que está ligada à fonte não deteriora e não se esgota (LELOUP, 1996, p.134).

A água simboliza a comunicação de Deus, de sua graça, que se dá através de um processo mistagógico dinâmico, chamado *caminho de perfeição*. Caminho de integração. Coincide com o que Teresa chama de graus da oração. Na oração o Espírito age em nós e nos dá a *água viva*, purificando-nos, renovando-nos. Baseada na sua experiência, a mística indica os momentos caracterizantes desse processo com uma alegoria na qual a água tem um papel fundamental. Faz uma comparação em que apresenta quatro formas de regar um jardim. A questão é posta nestes termos: imaginemos que nossa alma – a pessoa na sua dimensão interior – é uma terra selvagem, mas Deus quer transformá-la em jardim. E qual é o problema? Não deixar faltar água. Tarefa confiada ao jardineiro, ao menos no início (TANNI, 1991, p.64).

O jardim precisa ser regado, porque sem água perecerá certamente. É uma comparação que agrada muito Teresa. O símbolo do jardim põe em evidência a relação entre o homem redimido e Deus. Deus quer transformar a terra selvagem – o homem pecador – em jardim. A pessoa deve tornar-se um *lugar agradável* a Deus: “Se refletirmos bem, irmãs, veremos que alma do justo é nada menos que um paraíso, onde o Senhor, como ele mesmo diz, acha suas delícias” (SANTA TERESA, 1981, p.19). O texto remete a Provérbios 8,31, onde a sabedoria criadora diz pôr suas *delícias entre os filhos dos homens*. Impossível não nos lembrarmos do texto do Gênesis, do jardim que Deus plantou no Éden: “Deus fez brotar do seu solo toda espécie de árvores agradáveis à vista e bons para comer” (Gn 2,9). Deus confia a Adão o cultivo do jardim (cf. Gn 1,15) e Deus ali passeia no final da tarde (cf. Gn 3,8). Ao representar a pessoa humana como um jardim, a santa se insere na tradição mística que já havia usado esse símbolo, sobretudo a partir das imagens do Cântico dos cânticos (cf. Ct 4,12. 15-16; 5,1).

Teresa adota uma imagem dinâmica. O jardim não se faz espontaneamente pela natureza. Exige uma natureza trabalhada, organizada, cultivada. Sua beleza depende de um cuidado constante e fiel. A terra precisa ser regada. A água entra na terra e a fecunda, tornando-a fértil, capaz de produzir frutos. É o arquétipo do céu que dá a água e da terra que a recebe. Pertence à mitologia universal a figura do matrimônio divino entre o céu e a terra. A terra é feminina, acolhedora da água. O céu, masculino, ativo, fornecedor da água fecundante (TANNI, 1991, p.67).

O ser humano, para nossa mística, se identifica com a terra, tem necessidade de água, da qual depende a vida do jardim. Quanto mais abundância de água, mais belo será o jardim, mais flores e frutos produzirá. A quantidade de água determina a beleza do jardim. Este pode tornar-se cada vez mais bonito. A plenitude de beleza acontece depois de muito cultivo e ao final de um processo. A beleza total só acontece quando a pessoa – a terra – se abre mais totalmente à ação divina – o céu. Há quatro águas que irrigam o jardim. A passagem de um modo de irrigar a outro, de uma água a outra indica o caminho mistagógico que leva à maturidade psico-espiritual. O número quatro também se mostra simbólico. O dicionário dos símbolos apresenta muitos casos em que este número tem um significado de totalidade. O desenvolvimento da experiência de Deus através da oração tende à plenitude, à realização total da pessoa em Deus (TANNI, 1991, p.68). São quatro as etapas desse processo. Teresa as apresenta:

Parece-me haver quatro modos de regar: o primeiro é apanhar água a baldes num poço, com grande trabalho. O segundo é tirá-la mediante nora e alcatruzes movidos por um torno (assim o fiz algumas vezes), o que cansa menos e dá mais água. O terceiro é trazê-la de algum rio ou arroio, e por este meio se rega muito melhor, o jardineiro tem menos trabalho, a terra fica bem molhada e não é necessário regar tantas vezes. O quarto é por chuvas frequentes e copiosas, modo incomparavelmente melhor que tudo que ficou dito. É então o Senhor quem rega, sem nenhum trabalho nosso (SANTA TERESA, 2010, p.82).

Nossa santa apresenta a oração em quatro etapas: “quatro graus de oração em que o Senhor, por sua bondade, tem posto algumas vezes minha alma” (SANTA TERESA, 2010, p.82). O mais importante nesse caminho se acha na persistência que não deixa morrer de sede, mesmo se, no início, a fonte parece árida.

4.1 A primeira água

A primeira água simboliza aqueles que ousam iniciar uma vida de oração e se configura como um momento ascético. Supõe empenho e esforço de interiorização. Os resultados nem sempre correspondem às nossas expectativas. Na oração emergem as dificuldades psicológicas de concentração. O processo de interiorização se defronta com as dispersões de nossa própria vida, que contrastam com a busca de um princípio de unificação. Carências, desejos e expectativas se voltam para a relação com Deus e tornam difícil o exercício da oração (ESTRADA, 1998, p.23). O início do caminho supõe esforço e exercício, em vista de um objetivo claro: crescer na relação com Deus.

Teresa se mostra consciente dos desafios iniciais. Essa etapa da oração exige puxar água do poço só com a ajuda de um balde e com a força dos braços. “Taí trabalhos têm o seu valor, bem o sei, como quem os suportou durante muitos anos. Quando conseguia tirar uma gota d’água desse bendito poço, pensava que Deus me fazia favor” (SANTA TERESA, 2010, p.84). O ser humano ainda está voltado para fora, para a exterioridade, sem forças e sem raízes. É terra seca e a água ainda é muito escassa. A entrada no santuário interior do ser onde está a fonte exige abandono da busca de autogratificações e satisfações dos sentidos. Faz-se necessário superar a busca desenfreada do prazer, da comodidade, da propensão à ira, à afirmação de si, ao orgulho, à vaidade, à avareza (MERTON, 2001, p.27).

Determinação é a primeira palavra que a santa dirige àqueles que começam a se exercitar nesse caminho, o que se explica pelo contexto polêmico em que vive. Há os que se opõem à oração mental. Por isso ela faz um esforço extraordinário para encorajar quem começa a tratar amigavelmente com Deus. Não aceita a opinião daqueles que inculcam medo em quem quer orar (HERRAÍZ, 2001a, p.110). “Crede-

me, não vos deixeis enganar quando vos indicarem outro caminho. Só há um caminho: o da oração” (SANTA TERESA, 1979, p.138).

Importa muito, e acima de tudo, uma grande e firme determinação de não parar até chegar à fonte de água viva, venha o que vier, suceda o que suceder, custe o que custar, murmure quem murmurar, quer chegue ao fim, quer morra no caminho ou falte coragem para os sofrimentos que nele se encontram. Ainda que o mundo venha a baixo havemos de prosseguir (SANTA TERESA, 1979, p.125).

Ela compreende realisticamente a determinação, que se sustenta em recursos indispensáveis. Todos os meios são úteis no início: um bom livro, os evangelhos, a natureza. Ajudam a concentração. A reflexão sobre o mundo, as coisas, a brevidade da vida humana são temas para a oração. O conteúdo essencial, no entanto, é a pessoa de Jesus Cristo e seu mistério, uma vez que nele se compreende o sentido de toda a criação. Para Teresa, a graça do homem flui da paixão e vida de Cristo. “Fonte de onde nos tem vindo e virá sempre todo bem” (SANTA TERESA, 2010, p.98).

A mística espanhola, além de encorajar, quer convencer os principiantes de que a substância da oração está em amar limpidamente o amigo: “O amor a Deus não consiste em ter lágrima, nem tão pouco gostos e ternuras que geralmente desejamos e com os quais nos consolamos, mas em servir a Deus com justiça, fortaleza de ânimo e humildade” (SANTA TERESA, 2010, p.85). Temos que dar liberdade a Deus para conduzir-nos por caminhos de aridez ou por caminhos de consolação. Desde que haja o desejo de agradar a Deus, a oração realiza a amizade em que consiste. Por isso não vale a pena prestar atenção nas ressonâncias psicológicas desagradáveis. Além disso, a aridez tem, às vezes, uma origem natural: “por securas, inquietações ou distração nos pensamentos, ninguém fique atormentado ou aflito” (SANTA TERESA, 2010, p.87). A aceitação dos desafios porá em marcha a história de amizade que se inicia na oração. Por isso é importante “não se espantar com a cruz” (SANTA TERESA, 2010, p.87).

Confiança e grandes desejos. Dois temas constantes em seus escritos: “É indispensável ter grande confiança. Convém muito não amesquinhar os desejos, e confiar em Deus. Se de nossa parte nos esforçarmos, poderemos pouco a pouco, e com o auxílio do Senhor, atingir o cume onde tantos santos chegaram” (SANTA TERESA, 2010, p.92). Deus quer que tenhamos grandes aspirações sem perder a humildade, necessária na conquista de altos ideais: “Sua Majestade quer almas corajosas e é amigo delas, contanto que andem com humildade, desconfiando sempre de si mesmas” (SANTA TERESA, 2010, p.93). Pouco a pouco Deus atrairá o orante para dentro do seu mistério desconcertante e transformador.

4.2 A segunda água

A segunda água corresponde à segunda etapa desse caminho mistagógico. Inicia-se uma experiência mais profunda da graça de Deus. Tem início uma experiência mística. O cansaço intelectual diminui e aumenta a consolação. A oração de quietude caracteriza essa nova etapa. O que é essa oração? Um fortalecimento da pessoa e do mundo interior com um consequente enfraquecimento do poder dos sentidos (HERRÁIZ, 2001b, p.78). “Diremos agora o segundo modo de extrair água, que o Senhor do jardim ordenou para que, com indústria, por meio de um torno e de alcatruzes, o jardineiro consiga tirá-la em maior quantidade, com menos esforço e possa descansar, sem estar continuamente trabalhando” (SANTA TERESA, 2010, p.105). É uma oração menos cansativa, porque a vontade ama a Deus, mesmo sem saber como. A inteligência e a memória ajudam a amar a Deus, acompanhando a pessoa no seu movimento tranquilo.

Todas as formas de oração que Teresa começa aqui a descrever são chamadas por ela *sobrenaturais*. O significado dessa palavra é simples: algo que a pessoa não produz por si mesma. Algo que Deus concede gratuitamente e que supõe a passividade da acolhida: “A alma começa aqui a recolher-se e já atinge o sobrenatural que, por si mesma, de maneira alguma pode atingir, por mais diligências que faça” (SANTA TERESA, 2010, p.105). A pessoa avança na sua relação com Deus. Deus emerge em primeiro plano para conduzir o processo. Deseja que o orante experimente sua ação, que gera efeitos de tipo ético-moral, psicológicos e teológicos (HERRÁIZ, 2001c, p.116).

Deus acende uma centelha de amor no interior da pessoa: "A oração de quietude é uma centelhazinha do verdadeiro amor que o Senhor começa a acender na alma" (HERRÁIZ, 2001c, p.113). A atuação de Deus se faz como graça e amor. Surge uma certeza inconfundível e irrefutável: Deus está agindo e trabalhando dentro. Uma ação *sentida* e *experimentada*: "Deus quer dar a entender à alma que ela possui Sua Majestade tão perto de si, que já não tem necessidade de lhe enviar mensageiros" (SANTA TERESA, 2010, p.107). A aproximação de Deus produz efeitos psicológicos: satisfação, paz, alegria (SANTA TERESA, 2010, p.116). Porém os efeitos mais importantes são de tipo moral: crescimento na virtude, humildade. Pode este tipo de oração ser provocado pelo próprio homem? Não seria, na verdade, uma ilusão? Teresa, amiga da verdade, busca discernimento. Centra-se nos efeitos da oração. Os frutos da oração, se não é autêntica, são outros: inquietação, pouca humildade, não deixa luz no entendimento e nem firmeza na verdade (SANTA TERESA, 2010, p.116). Não produz crescimento ético-espiritual.

A segunda água é um dom grande de Deus. Se a pessoa o recebe é porque Deus já a escolheu para grandes coisas (SANTA TERESA, 2010, p.113). Deus jamais tem em vista só o bem da pessoa. Escolhe alguém para proveito de outros (SANTA TERESA, 2010, p.113). A santa indica o comportamento a adotar nesta etapa da oração. Não cair na tentação de empregar excessivamente o entendimento. Deus se comunica diretamente à vontade, enriquecida de amor, sem intervenção prévia do intelecto. É uma atração que diz respeito à vontade. O intelecto ajuda a descobrir um bem determinado, mas só a vontade se mostra capaz de amá-lo. Deus não quer ser só objeto de reflexão, quer ser amado. Ir a ele com a curiosidade do intelecto é pouco. Por isto, neste grau de oração, o segredo se encontra no amor.

Nem tudo depende de razões bem formuladas: "O que se pode aqui razoavelmente deduzir é que não há motivo algum para que Deus nos faça tão grande graça, a não ser, unicamente, por sua bondade" (SANTA TERESA, 2010, p.114). Está acontecendo um progressivo processo de imersão em Cristo que, nesta segunda etapa, deixa-se sentir. Por graça, intensifica-se a descida até às profundidades do eu onde o orante vai ungir-se de Cristo, cuja presença se esconde

ali. A certeza cada vez mais experimentada da presença de Cristo no fundo da pessoa convida-a a se recolher na contemplação dessas profundidades (CASTRO, 1985, p.70).

4.3 A terceira água

A terceira água corresponde a uma união interior ainda mais total com Deus. A vontade, a inteligência e a memória são conquistadas por Ele e unificadas n'Ele. Aqui o trabalho se torna muito reduzido. Teresa fala do "sono das potências". A concentração em Deus aprofunda-se. Diminui a ação da pessoa. É hora de dar livre espaço a Deus. "Vamos agora falar da terceira água com que se rega nosso jardim. É água corrente de rio ou de fonte e rega com muito menos trabalho, embora seja preciso algum esforço para canalizá-la. O Senhor quer aqui ajudar o jardineiro de maneira que praticamente é ele o próprio jardineiro e quem faz tudo" (SANTA TERESA, 2010, p.123). O ser humano se sente impregnado do divino. Percebe com clareza que não provoca essa experiência. Tem consciência de que o próprio Deus o envolve em seu aroma e o atrai docemente para dentro do seu mistério (CASTRO, 1985, p.75).

A graça de Deus, nesta fase, provoca uma transformação mais profunda. A pessoa permanece espantada ao ver como o Senhor é bom jardineiro (SANTA TERESA, 2010, p.129). A ação de Deus toca a pessoa no seu interior, nas *potências* e provoca um grande desapego às coisas criadas. A concentração está no Senhor, que trabalha nos momentos de oração. Cresce a passividade, o orante recebe quase tudo. A graça exige uma doação cada vez mais total (SANTA TERESA, 2010, p.123).

Nesse grau de oração, já não é somente a vontade que se recolhe em Deus, mas as outras potências: memória e intelecto. Finalmente não há mais divagações. Diminuem os limites que impedem o crescimento do amor que une o homem e Deus (MORETTI, 1996, p.186). Experimenta-se um "desassossego saboroso" (SANTA TERESA, 2010, p.124). "Já então se abrem as flores, já começam a exalar seu perfume" (SANTA TERESA, 2010, p.124). A pessoa quase atinge sua plenitude. Deus a realiza profundamente, causando alegria

e contentamento. Mas Teresa insiste sempre nos efeitos morais da transformação. A pessoa se vê outra (SANTA TERESA, 2010, p.129). Todo esse contentamento não bloqueia o realismo de Teresa: “Ó verdadeiro Senhor e glória minha! Tendes preparada, leve e, ao mesmo tempo, pesadíssima cruz para quem chega a esse ponto. Leve porque é suave; pesada porque há vezes em que não há paciência que a sofra” (SANTA TERESA, 2010, p.126).

Deus se torna único protagonista. Atua poderosamente. Por que Deus se comunica dessa forma? Para dar-se a conhecer. Resposta coerente com os dados da Revelação. O ser humano o conhece quando experimenta sua ação. É um Deus que o refaz desde o mais profundo de seu ser (HERRÁIZ, 2001b, p.87-88). Uma etapa da oração em que a pessoa já está quase totalmente polarizada em Deus. Não tem nenhuma dúvida de sua presença e de sua ação prodigiosa. É o Deus da Bíblia, de Jesus. Apesar de ser uma etapa totalmente mística, a resposta da pessoa se revela sempre decisiva, porque Deus se oferece gratuitamente, sem se impor.

4.4 A quarta água

A quarta água finaliza o processo mistagógico do caminho rumo a Deus. A experiência de Deus não envolve somente a vontade, a memória, a inteligência, mas até os sentidos, o corpo. Deus quer a pessoa toda. Quer uni-la a si. As três dimensões do homem: corporal, psico-afetiva, noética e espiritual estão estreitamente ligadas. É o que Jesus resume em um só mandamento: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito” (Mt 22,37). Nesta etapa a graça de Deus une a pessoa toda a Si. “Falemos agora dessa água que vem do céu para regar e faltar todo o jardim” (SANTA TERESA, 2010, p.139). Quando descreve a quarta água, no Livro da Vida, Teresa se encontra nessa etapa de seu caminho. A água vem totalmente do céu: símbolo da abundância da graça divina.

Mas nossa mestra não perde seu realismo: a terra, antes de receber a chuva, precisa ser arada. Aragem dolorosa e sofrida: “Se é terra muito cavada por provações, perseguições, murmurações e enfermidades – porque poucos hão de chegar até aqui sem passar

por tudo isso – e está bem afofada por um total desapego do próprio interesse” (SANTA TERESA, 2010, p.143).

O orante sente a ação de Deus como poderosa e irresistível. Ele domina a cena. Um mar forte contra o qual não há resistência. É uma água diferente das outras. A primeira refresca (SANTA TERESA, 1979, p.111). A segunda lava (SANTA TERESA, 1979, p.113). A terceira, mais abundante, mata a sede (SANTA TERESA, 1979, p.114). A pessoa sente-se regenerada, purificada, satisfeita no seu desejo de Deus. Aqui Teresa se situa totalmente no campo da mística. Padece a força e a inefabilidade do mistério. Aborda o assunto com medo de não poder dizer nada. Faltam palavras para expressar tão grande graça. A tentação é a de se calar, fazer silêncio. Nas quintas moradas, afirma: “Creio que seria melhor nada dizer destas nem das que faltam. O intelecto não é capaz de compreendê-las. As comparações não podem servir para explicá-las” (SANTA TERESA, 1981, p.99).

Profundos são os efeitos dessa oração. Do ponto de vista psicológico, produz ternura, lágrimas gozosas e grande deleite (SANTA TERESA, 2010, p.134). Há efeitos morais: coragem para servir a Deus, “promessas e determinações heroicas” (SANTA TERESA, 2010, p.142). Grande generosidade no serviço aos irmãos (SANTA TERESA, 2010, p.143). Não é possível passar despercebida: “as flores têm perfume tão delicioso, que lhe desperta o desejo de se chegarem a elas. Compreendem que há virtudes naquela alma, veem a fruta, que lhes tenta o paladar. Gostariam também de comer dela” (SANTA TERESA, 2010, p.143). Os efeitos teológicos se evidenciam: polarização existencial em Deus. O ser humano funda suas raízes em Deus. Com relação ao mundo, vive uma grande libertação, porque o vê a partir de Deus. A quarta água se identifica com a presença do Espírito Santo. Água que transforma, purifica, ilumina, une a Deus. A ação da graça chega ao centro da pessoa (TANNI, 1991, p.74).

Acontece, finalmente, um absoluto e total rendimento da pessoa a Deus. E como saber que é Deus mesmo que provocou tamanha revolução interior? Com todo o seu anseio pela verdade, Teresa não pode deixar de se perguntar. Houve dúvidas no início do caminho e o discernimento se mostrou doloroso. Sua experiência

despertou a curiosidade da inquisição. A certeza da ação de Deus cresceu com o tempo. Desde o início Deus se fez sentir. Nessa etapa, no entanto, Teresa é categórica. A pessoa experimenta uma certeza que dissipa todas as interrogações: “E se alguém não tiver essa convicção absoluta, é sinal, a meu ver, de que não foi união de toda alma com Deus” (SANTA TERESA, 1981, p.105).

Como saber se nos unificamos em Deus? A resposta parece óbvia: através do amor. Estamos no coração da Sagrada Escritura. Eis a salvação: “Quanto a nós, só estas duas coisas pede o Senhor: amor de Deus e amor do próximo” (SANTA TERESA, 1981, p.120). O caminho de Teresa se encontra traçado no Evangelho. Não é para alguns privilegiados. Sua mística não é de revelações, mas da Revelação. As graças místicas que recebeu são um atalho. Graças que Deus dá a quem quer. Mas estão todos destinados a esta união de amor. E toda relação com Deus tende a produzir efeitos de mudança radical. Não há dois ou mais caminhos. É sempre o mesmo, o do Evangelho, que se diversifica nas formas. Cada um tem seu ritmo. Porém a todos Deus chama.

Por que o ser humano percorre esse caminho? Porque Cristo, com sua graça, o capacita para a união com Deus. A união não é senão transformação em Cristo. É a realização do “para mim viver é Cristo” de São Paulo. O processo acontece todo em Cristo: “Nossa vida é Cristo” (SANTA TERESA, 1981, p.109). E a construção da vida no amor exigirá o mesmo preço que custou a Cristo: “Olhai quanto custou a nosso Esposo o amor que nos teve. Com o objetivo de nos livrar da morte, sofreu a morte cruelíssima na cruz” (SANTA TERESA, 1981, p.123). O caminho mistagógico que se dá na oração termina com a total entrega da pessoa a Deus, na mais absoluta disponibilidade a seu querer, à ação de seu Espírito. Um caminho que todos são chamados a fazer.

5 Oração que transforma

A experiência de Teresa transforma sua vida, marcada por um estado de grave oscilação que gera cansaço e tristeza existenciais. Sente-se perdida, porque não consegue viver de maneira saudável.

Está bem com sua escolha da vida religiosa. Porém falta-lhe direção, como um barco à deriva de ondas fortes que não consegue dominar (SICARI, 1994, p.80). Descreve com acuidade seu estado interior:

Passei nesse mar tempestuoso quase vinte anos, ora caindo ora levantando. Mas levantava-me mal, pois tornava a cair. Tinha tão fraca vida de perfeição que, por assim dizer, nenhuma conta fazia de pecados veniais. Se temia os mortais não era a ponto de me afastar dos perigos. Sei dizer que é uma das vidas mais penosas que se possa imaginar. Nem me alegrava em Deus, nem achava felicidade no mundo. Em meio dos contentamentos mundanos, a lembrança do que devia a Deus me atormentava. Quando estava com Deus, perturbavam-me as afeições do mundo (SANTA TERESA, 2010, p.57).

Quando nossa mística fala de contentamentos do mundo, refere-se principalmente às pessoas que frequentavam o mosteiro, com as quais ocupava muito de seu tempo. Ligações afetivas que a distraíam do essencial e não lhe permitiam um verdadeiro encontro com Deus. De um lado sabe que Ele não abandona nunca, mas tem consciência de abandoná-lo muitas vezes. O mosteiro em que vive contém elementos de vida mundana. Dá muita liberdade para conversas com pessoas de fora. Encontros que estão entre conversas que edificam e divertimento que distrai. Em todo caso criam dependência afetiva: "Quisera exprimir o cativo em que andava minha alma nesses tempos" (SANTA TERESA, 2010, p.62). Desabafa: "Desejava viver, mas entendia bem que não vivia, pelejava com uma sombra de morte" (SANTA TERESA, 2010, p.63).

São afirmações que revelam a autoconsciência de Teresa. Mostram que ela percebeu com profundidade não só sua situação, como também a própria condição humana enquanto tal. Chamada a ser de Deus, tende a fazer de seu próprio eu o centro de sua vida. Descobre a dramaticidade da existência cristã, da qual a maioria dos cristãos só se dá conta em momentos específicos da vida. Para Teresa trata-se de uma percepção cotidiana, lúcida e dilacerante. Quanto mais leva a sério sua vocação, mais se dá conta da dramaticidade da vida nos seus vários desdobramentos (SICARI, 1994, p.81).

Durante os vinte anos de crise, a oração foi uma luz impiedosa jogada em sua vaidade. Só mais tarde tornou-se luz misericordiosa que a tudo, pouco a pouco, deu consistência e dignidade. A oração revela sua situação existencial. Sentia as exigências de Deus, mas não era capaz de corresponder a elas. Deus quer ser o amigo, mas ela se sente dividida entre a amizade de Deus e as do mundo. A tentação, a maior de sua vida, foi a deixar a oração, o que seria o mesmo que abandonar o convite que Deus lhe fazia a uma amizade mais profunda (SICARI, 1994, p.82). “Estive ano e pouco afastada deste exercício, imaginando ser maior humildade. Essa foi a grande tentação, e poderia ter acabado no inferno” (SANTA TERESA, 2010, p.49).

A oração evidencia seu estado: “Na hora da oração padecia grande tormento. O espírito não era senhor, mas escravo. Todo meu método de oração consistia em recolher-me em mim mesma. Não o fazia, porém, sem encerrar juntamente comigo mil vaidades” (SANTA TERESA, 2010, p.53). Além de evidenciar sua miséria, na oração descobre o olhar de Deus, inexplicavelmente bom para com ela, mas, de algum modo, recusado e adiado. A misericórdia de Deus faz vir à tona a vaidade de tudo que não é ele. Sente-se ingrata e, ao mesmo tempo, muita amada por Deus. Exclama: “Que bom amigo sois, Senhor meu! Como tendes paciência acariciando a alma, à espera de que se amolde à vossa condição. Até que o consigais, vós suportais a sua (SANTA TERESA, 2010, p.59)!

Teresa insiste para que ninguém deixe de fazer oração, ainda que tenha muitos pecados. Perseverando na oração, a transformação há de acontecer. A solução da crise acontece à medida que na oração Deus emerge como uma pessoa a amar e a relação com Ele vai deixando de passar pelo temor servil. “Se nesse primeiro estado vamos como devemos ir, o temor servil desaparece logo” (SANTA TERESA, 2010, p.79).

Nesse processo de perseverança na oração, Teresa compreende que o estado de vida que havia abraçado não se fundava tanto na oposição entre bens terrenos e bens eternos, mas no desejo de abandonar os primeiros para encontrar os últimos. Descobre que

sua vocação era a de encontrar pessoalmente, em uma relação de profunda amizade e afeto, o Senhor da vida, no qual se acham todos os bens (SICARI, 1994, p.84). A cura nada mais é do que a passagem da riqueza à pobreza, da afirmação de si à afirmação do Outro. Exige superação da sua atitude de autossuficiência. Não se reconstruiria fora de Deus. Durante vinte anos lutou contra o amor de Deus que a perseguia sem lhe dar trégua. Seu rendimento a Deus foi um processo doloroso. Na oração se sente tocada e transformada pela graça. Sua luta interior se resolve na relação de amizade com o Senhor, fonte da vida. A oração se define, pois, como amizade que cura. Teresa redescobre Deus como a única força que se deixa sentir e que solicita o ser humano (HERRÁIZ, 2002, p.74).

Há um belíssimo símbolo da transformação sofrida por Teresa nas quintas moradas do Castelo Interior. Tem profundidade espiritual e mistérica. É o símbolo do bicho da seda, da lagarta que se torna borboleta. A pessoa que decide fazer o caminho da oração se assemelha à lagarta que constrói seu casulo onde há de morrer e se transforma em borboleta. A santa provoca com eses símbolo uma atitude de responsabilidade diante de algo que é pura graça de Deus, mas que exige colaboração (CASTELLANO, 1982, p.547). “Esse verme, ao crescer, começa a lavar a seda e a construir a casa onde há de morrer. Para nós, essa casa é Cristo – eis o que eu queria dar-vos a entender” (SANTA TERESA, 1981, p.109). O processo de crescimento brota da graça. O sentido da ascese e da busca é revestir-se de Cristo ou fazer de Cristo nossa morada, entrar na profundidade de uma progressiva vida em Cristo. O resultado não pode ser outro senão uma profunda transformação e uma mais intensa comunhão de vida nova (CASTELLANO, 1982, p.553). O viver escondido com Cristo em Deus, como lógica da morte do homem velho, faz nascer o cristão novo, renovado desde dentro pela força do Espírito. A citação teresiana de Col 3,3-4 foi certa: “Vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também aparecereis gloriosos com Ele”.

A mística espanhola faz uma ampla leitura do símbolo, que explica a transformação que experimentou em sua vida através da experiência de oração. A asquerosa lagarta que rasteja se transforma

em uma belíssima borboleta branca. “Nasceram-lhe asas, como se contentará de ir passo a passo, se pode voar? Para ela, tudo quanto lhe é dado fazer por Deus é ninharia, tão grandes são os seus desejos” (SANTA TERESA, 1981, p.111). No Livro da vida, ela relata sua transformação espiritual:

Quero agora tornar ao ponto onde deixei a narração da minha vida. [...] Daqui por diante é outro livro. Uma nova existência. A que decorreu até aqui, era minha. Porém desde que recebi as graças de oração que descrevi é a que Deus vivia em mim. Bem vejo que era impossível sair, em tão pouco tempo, de costumes e obras tão ruins. Seja Deus louvado, que me livrou de mim mesma (SANTA TERESA, 2010, p.183).

A verdadeira experiência cristã de Deus culmina numa nova consciência ética. O comportamento ético emerge como prova da experiência de Deus. O supérfluo cede lugar ao essencial. A maioria das pessoas sucumbe às necessidades que devem ser satisfeitas e se restringe a viver em busca da satisfação dos próprios interesses (LELOUP, 2001, p.192). Por isso corremos sempre o risco de transformar Deus em um mero complemento de nossas necessidades. Deus, neste caso, torna-se uma fantasia que não favorece o crescimento. Pode até tornar-se o mais profundo obstáculo para o verdadeiro encontro com ele (MORANO, 1998, p.46).

Deus não coincide com o nosso desejo. Catalan cita Freud (2003, p.55): “Uma crença é um ilusão quando, na sua motivação, a realização de um desejo prevalece e, por causa disso, não é possível estabelecer a relação desta crença com a realidade. A própria ilusão se recusa a ser confirmada pelo real”. Claro que o desejo de Deus anima a vida espiritual. O desejo motiva a busca. Mas, quando verdadeira, leva a pessoa a uma abertura à ação de Deus. Muitos dos novos movimentos religiosos propõem o caminho da oração como um degrau superior de domínio de si, de equilíbrio da própria personalidade ou como um conhecimento mais profundo de zonas interiores, o que se mostra legítimo. O cristão, porém, situa em outro nível sua busca de Deus (FREUD apud CATALAN, 2003, p.59). No caso de Teresa, Deus passa à frente de suas necessidades afetivas. Ao centrar-se em Deus, não

mais quer estar a serviço de seus interesses pessoais. O essencial é estar à disposição e a serviço de Deus e dos homens.

Na experiência de Teresa morrem as formas cristalizadas da existência baseadas nas suas preferências, nos seus gostos pessoais e necessidades imediatas que a faziam resistir à graça de Deus. O verdadeiro Deus não coincide com a projeção de seus medos e de seus desejos. Ele tem algo a dizer e a pedir. Eis o grande desafio da relação com Deus, uma vez que, segundo a psicanálise, tendemos às nossas ilusões (FREUD apud CATALAN, 2003, p.60). A pior delas consiste em fazer de Deus um prolongamento do próprio narcisismo. Neste caso o *Tu* ao qual o sujeito se dirige na oração se transforma num espelho em que procura recuperar a maltratada onipotência infantil, um instrumento com o qual quer dar fundamento a sua própria neurose. A oração corre o risco de tornar-se um jogo imaginário, que não permite o encontro com o Outro e com o real (MORANO, 1998, p.55).

A grande mística encontra sua identidade em Deus, mas a identidade conferida pelo próprio Deus a situa para além de todo narcisismo e de toda confusão (JEAMMET, 2003, p.25). Ela se encontra finalmente consigo mesma e se liberta do jugo da opinião dos outros. Conquista uma liberdade diante de opiniões que, às vezes, condicionaram sua vida, enchendo-a de sofrimentos e enganosa. A honra deixa de ser um ponto de referência e uma preocupação. Encontrar a identidade em Deus significa, também, escutar a voz da vida que chama (LACASSE, 1993, p.153). É o que abre a estrada e faz nascer a autêntica liberdade para tarefas que antes sequer eram imaginadas.

6 Conclusão

Teresa, a partir de sua experiência de oração, assume a tarefa de formar os cristãos através de seus escritos sobre a vida espiritual. Tem exercido um notável influxo sobre a vida cristã. Muitos redescobrem com Teresa o *sabor de Deus*, para além de uma informação sobre ele. O interesse por seus escritos ultrapassa, inclusive, os ambientes de fé explícita e cultivada. A pós-modernidade revaloriza a experiência. Os novos crentes querem experimentar, mas há o risco de

sentimentalismo. A proposta de Teresa surge como bússola segura, capaz de guiar os cristãos ao porto seguro que é Deus. Teresa ajuda a formar os crentes. Suscita uma profunda ressonância, nem sempre movida pela curiosidade pelos fenômenos que acompanharam a sua experiência. O fato se explica em chave mistagógica, aquela modalidade de contato com o mistério transcendente, através da palavra do crente que faz a experiência e que se torna particularmente capaz de suscitar, iluminar e acompanhar a experiência de quem caminha nas estradas do Espírito, em busca da comunhão com Deus. A mistagogia de Teresa tem em vista a transformação do sujeito que entra na relação profunda com Deus, possível pela graça, mesmo que não seja necessariamente uma experiência mística. O resultado final do caminho mistagógico se traduzirá no amor ao próximo. A oração configura sempre mais a Cristo e faz viver como ele viveu: em fraternidade solidária. A verdadeira oração transforma o cristão e o compromete com a transformação do mundo em Reino de Deus.

*Paulo Sérgio Carrara, CSsR é doutor em teologia pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte). Professor nessa mesma Faculdade e no ISTA, em Belo Horizonte.
E-mail: pecarrara@terra.com.br*

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, T. *Teresa de Jesús*. Santander: Sal Terrae, 1984.
- BERNARD, C. A. *Il Dio dei misitici*. Le vie dell'interiorità. San Paolo: Milano, 1996.
- CANTALAMESSA, R. Rientra in te stesso! *Vita Consacrata*, n.28, p.299-311, 1992.
- CASTELLANO, J. Lectura de un símbolo teresiano. La metamorfosis del gusano de seda en mariposica como ejemplo de una teología simbólica. *Revista de Espiritualidad*, n.4, p.531-566, 1982.
- CASTRO, S. *Ser cristiano según Santa Teresa*. Madrid: EDE, 1985.
- CATALAN, J. C., Illusion? La part du revê. *Christus*, n.197, p.55-61, 2003.

ESTRADA, J. A. *A oração sob suspeita*. São Paulo: Loyola, 1998.

GRUN, A. *La pace del cuore*. Verona: Queriniana, 2002.

HERRÁIZ, M. *Solo Dios basta*. Claves de la espiritualidad teresiana. Madrid: EDE, 2000.

HERRÁIZ, M. *Introducción al camino de perfección*. Burgos: Monte Carmelo, 2001a.

HERRÁIZ, M. *Introducción al castillo interior*. Burgos: Monte Carmelo, 2001b.

HERRÁIZ, M. *Introducción al libro de la vida*. Burgos: Monte Carmelo, 2001c.

JEAMMET, N. "Après Freud, en quel Dieu croire?" *Christus*, n.197, p.17-26, 2003.

LACASSE, M. *La risposta è dentro di me*. Dalla dipendenza all'autonomia: itinerario e tappe. Milano: San Paolo, 1996.

LELOUP, J. Y. *L'absurde et la grace*. Paris: Albin Michel, 1994.

LELOUP, J. Y. *Caminhos da realização*: dos medos do eu ao mergulho no ser. Petrópolis: Vozes, 1996.

LELOUP, J. Y. *Carência e plenitude*: elementos para uma memória do essencial. Petrópolis: Vozes, 2001.

MERTON, T. *Pensieri nella solitudine*. Roma: Garzanti, 1999.

MERTON, T. *La contemplazione cristiana*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2001.

MORANO, C. D. *Orar depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 1998.

MORETTI, R. *Teresa d'Avila e lo sviluppo della vita spirituale*. Milano: San Paolo, 1996.

SANTA TERESA. *Caminho de perfeição*. São Paulo: Paulinas, 1979.

SANTA TERESA. *Castelo interior ou moradas*. São Paulo: Paulus, 1981.

SANTA TERESA. *Livro da ida*. São Paulo: Paulus, 2010.

SICARI A. *Itinerario di Santa Teresa d'Avila*. La contemplazione nella Chiesa. Milano: Jaca Book, 1981.

TANNI, G. *Il castello interiore di Santa Teresa d'Avila: una interpretazione simbolica*, Milano: San Paolo, 1991.

VELASCO, J. M. *Testigos de la experiencia de la fé*. Madri: Narcea, 2001.